Psicologia em Ênfase

v.1, n. 1, p. 49-60. Agosto/2020

A Dinâmica Da Transferência Na Clínica Psicanalítica: um estudo de caso

Caio Bastos Gonçalves [1]
Suely Pereira de Faria [2]

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a dinâmica do fenômeno transferencial no processo psicanalítico e articular com a teoria freudiana. Ao compreender o fenômeno da transferência dentro do contexto clínico, percebe-se que é um tema dos mais relevantes, pois é inevitável se deparar com a teoria psicanalítica e não ter contato com a dinâmica transferencial. Nessa relação com o analista, o sujeito em análise, atualiza os traumas vivenciados no seu passado através das repetições dentro da clínica. A analisanda trazida em sua especificidade que diz respeito ao encontro com a falta, viu-se a necessidade de tecer uma linha que une passado, presente e futuro. O amor transferencial evocado da situação analítica produz uma atualização do inconsistente. O encontro com as faltas, às decepções e frustrações dentro da relação transferencial dá lugar para que a analisanda possa construir elaborações a partir do seu passado por intermédio do atendimento clinico.

Palavras-chave*:* Psicanálise; Repetição; Transferência.

Abstract

The present work aims to present the dynamics of the transferential phenomenon in the psychoanalytic process and articulate with the Freudian theory. By understanding the phenomenon of transference within the clinical context, it is perceived that it is a subject of the most relevant, since it is inevitable to come across the psychoanalytic theory and not to have contact with the transferential dynamics. In this relationship with the analyst the subject under analysis, he updates the traumas experienced in his past through the repetitions within the clinic. The analyzing brought in its specificity regarding the encounter with the lack saw the need to weave a line that unites past, present and future. The transferential love evoked from the analytic situation produces an update of the inconsistent. The encounter with the faults, the disappointments and frustrations within the transferential relationship gives place to the analyzing can construct elaborations from its past through the clinical service.

Keywords: Psychoanalysis; Repetition; Transfer.

[1] Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Alves Faria (UNIALFA). E-mail: caiobastos.psicologia@gmail.com

[2] Psicóloga e Psicanalista. Doutoranda do Programa de Doutorado em Psicologia da PUC-GO. Docente do Centro Universitário Alves Faria (UNIALFA). E-mail: spf.psi@gmail.com

A clínica psicanalítica é construída a partir de conceitos e técnicas iniciadas por Sigmund Freud para tratar os sofrimentos psíquicos das pessoas. Dentro do método analítico, temos o importante fenômeno da transferência, que está presente em todo o trabalho de análise. A forma de se compreender este conceito é particular de cada psicanalista, pois na atualidade temos diferentes teorias estabelecidas além da Freudiana (Ungar, 2008).

Para Freud, a transferência são sentimentos direcionados à figura do analista que estão vinculados ao inconsciente, pelas quais o analisando vivencia como uma forma de repetir imagens inconscientes de objetos

infantis. As experiências que são vivenciadas na infância determinam a vida adulta, mas não retira a possibilidade de se alterar as experiências atuais. Essa relação entre analista e analisando produz uma atualização das vivências dos primeiros vínculos afetivos (Freud, 1912/2006).

No dicionário de psicanálise, a transferência é um elemento que constitui o tratamento analítico que é permeado pelos desejos inconscientes do analisando e que se repetem na relação com o analista (Roudinesco & Plon, 1998).

A transferência é compreendida como um vínculo afetivo vivo, que aflora de forma instantânea na análise. O conteúdo do inconsciente que coloca o analista no lugar de uma pessoa importante do analisando, possibilita uma interpretação do que está sendo repetido. A atualização do passado que se mostra no ato, dá condição de ressignificar o conflito vivenciado pelo analisando. A transferência ocupa no tratamento analítico um investimento na figura do analista e coloca o mesmo como possuidor de um suposto saber (Maurano, 2006).

Calligaris contribui sobre as repetições afirmando que através da reinterpretação do trauma esse indivíduo se configura em sua vida de forma diferente. Ao dar um sentido a essa ligação entre presente e passado é possível à integração do analisando na sua própria história e com isso mudar o que antes nem ao menos tinha um sentido, mas estava presente. Então, atribuir um significado ao que foram vivenciados e evocados em um segundo momento, devolve ao analisando o lugar de protagonista de sua própria história e o torna um construtor do seu presente (Calligaris, 2008).

A transferência se liga com uma teoria importante de Freud, o complexo de Édipo. Dentro dessa relação o analista é colocado como um representante dos primeiros vínculos parentais do analisando, fazendo com que o superego, uma instância de autoridade que é oriundo do complexo de Édipo, possa remontar o passado e produzir algo no presente. Essa estrutura edípica constituída de sofrimentos aparece na relação com o analista, pois ao aproximar-se daquilo que é traumático, o ego anuncia as suas perdas e faltas e o analisando vivencia o desamparo (Lourenço, 2005). Esse encontro com o vazio vivido pelo analisando no drama edípico tem o seu teor traumático e por isso esses conteúdos são direcionados ao mecanismo de repressão, ou seja, aquilo que é afastado da consciência pela complexidade de se lidar tende a ser percebido na repetição com o analista (Leite, 2011).

O espaço físico que se constitui como setting terapêutico é um dos lugares onde temos presente esse manejo transferencial. A composição do setting durante o tratamento não garante a transferência, mas sim, coloca o analista dentro de um campo simbólico. Diante disso, o campo físico de atuação dá consistência no progresso analítico. Dentro desse processo simbólico o analisando atribui ao analista a posição de pessoas primordiais de sua vida desde a infância. Essa identificação aproxima o analisante dos seus desejos e atualiza o passado no presente (Maurano, 2006).

Dentro desse setting terapêutico teremos o início de análise que Freud chamou de tratamento de ensaio. Esse ensaio diz respeito às entrevistas iniciais que propicia a união entre o analisando, sintoma e o analista. As entrevistas ocupam no tratamento o tempo de compreender o discurso do analisando, o momento de concluir para iniciar a análise propriamente dita trazendo um corte para a sessão utilizando o divã. A partir desse ensaio temos a inserção do sujeito na análise movido pela relação transferencial (Quinet, 2009).

Esse fenômeno transferencial começa juntamente com o início do tratamento. Freud alega que o analisando deve dizer tudo que lhe vier em sua mente e mesmo que seja desagradável, não deixe de falar. O método de associação livre tem como finalidade verbalizar ao analista as ideias que lhe vem à mente de forma espontânea. Essa verbalização

dará margem para que as repetições, que são desconhecidas pelo analisando, possam ser recriadas durante a análise (Freud, 1913/2006).

A transferência que aparece do analisando para o analista alimenta uma resistência que deve ser compreendida para se entender os conteúdos libidinais que foram afastados da consciência. O tratamento busca encontrar o material psíquico que foi reprimido ao inconsciente e disponibilizar a consciência. As forças inconscientes que fizeram a repressão da libido aparecem como resistência para manter a situação em que o analisando se encontra. Essas resistências se opõem ao analista para dificultar o desejo de mudança do analisando (Freud, 1913/2006).

Para entender a relação entre transferência e resistência temos que diferenciar a transferência positiva da negativa. Compreendemos como transferência positiva os sentimentos pelo terapeuta de afeição e confiança e a transferência negativa como os sentimentos hostis e de agressividade. No entanto, uma alternância entre os sentimentos afetuosos e hostis é completamente normal. Assim, o fenômeno transferencial se torna útil para a resistência quando busca compreender os impulsos eróticos que foram direcionados ao inconsciente devido a sua complexidade de se lidar (Freud, 1912/2006).

Além desses dois fenômenos de sentimentos que permutam a análise, temos o surgimento de uma transferência erótica. Esse feito nos revela um analisando com uma necessidade de ser amado. O analista que se deparar com essa experiência não achará fácil a condução do tratamento analítico. A transferência erótica que se apresenta no consultório não deve apenas ser reprimida, sublimada ou renunciada novamente, pois não é uma maneira analítica de investigar, e sim buscar entender o conteúdo reprimido e disponibilizar a consciência (Freud, 1912/2006).

A transferência pode ser avaliada de duas perspectivas. A primeira é a do ponto de vista do analista e a segunda do analisando. Quando falamos dos sentimentos do analista durante o tratamento, estamos nos referindo ao fenômeno da contratransferência. Esses sentimentos que são vivenciados no percurso de uma análise pelo psicanalista, têm como fonte o inconsciente e a consciência. O analista deve entender os sentimentos que são direcionados a sua figura como sendo decorrentes da situação analítica e não como algo de uma natureza amorosa (Freud, 1915/2006).

A retribuição do amor transferencial do analisando pelo analista, resultaria em um remorso e uma repressão ao tratamento analítico. O conteúdo sexual recalcado que não foi elaborado remonta o amor infantil. Essas pessoas querem o amor retribuído ou responde a isso com o desprezo. Viver o amor do analisando projetado no analista, dentro do campo do real, conduz ao fracasso de uma análise. O analisando deveria apenas endereçar as lembranças dentro de uma esfera psíquica (Freud, 1915/2006).

A busca do analisando para satisfazer esse amor, que é editado na relação transferencial, nos faz revisitar as recomendações descritas por Freud. A primeira é a da abstinência. Nessa recomendação, Freud, orienta a renunciar qualquer outra atividade que não seja a de interpretação (Freud, 1915/2006). Além disso, afirma que devemos ao máximo tentar manter nosso anonimato, proibição das gratificações externas e os cuidados com o compartilhamento dos espaços sociais que se apresentam fora da clínica. O analisando que busca os ganhos secundários como substituto dos seus sintomas, deve ser verificado e reconhecido na análise (Zimerman, 2003).

A segunda regra que é importante para o manejo da transferência é a neutralidade. Esse conceito resulta na disponibilidade do analista ao analisando, de modo que seus desejos e fantasias não interfiram no tratamento (Freud, 1915/2006). O inconsciente do analista põe-se em comunicação com o

inconsciente do analisando, sendo útil a identificação e diferenciação da contratransferência e da transferência do analista. A primeira remete de forma única para cada analisando e a segunda como sendo a mesma resposta emocional a todos os analisantes (Zimerman, 2003).

O amor transferencial não deve ser evitado e sim reconhecido como algo que é irreal e que é preciso cruzar para recriar os impulsos eróticos escondidos e deixar acessível à consciência. A técnica e a ética se faz extremamente necessária neste manejo clínico, pois os desejos do analisando por mais sutis e silenciosos que se apresentam na análise, podem trazer o perigo ao analista de ser enlaçado por uma experiência e esquecer a técnica (Freud, 1915/2006).

O início da trajetória de um analista deixa evidente a dificuldade de como lidar com essa transferência do analisando. Freud discorre sobre essas etapas iniciais informando que no começo é tentado a levar e conduzir a análise com a nossa própria individualidade e não pela capacidade do analisando O recomendado é que sejamos como espelhos, ou seja, apresentaremos ao analisante apenas aquilo que ele nos mostra (Freud, 1912/2006).

A transferência então se torna o grande desafio do manejo clínico perante os obstáculos e dificuldade que a análise possibilita. Diante disso, Freud afirma:

> Todo principiante em psicanálise provavelmente se sente alarmado, de início, pelas dificuldades que lhe são reservadas quando vier a interpretar as associações do paciente e lidar com a reprodução do reprimido. Quando chega a ocasião, contudo, logo aprende a encarar estas dificuldades como insignificantes e, ao invés, fica convencido de que as únicas dificuldades realmente sérias que tem de enfrentar residem no manejo da transferência (Freud, 1915/2006, p. 177).

Para que seja possível realizar um manejo da transferência é necessário que o analista também tenha realizado análise pessoal e que tenha identificado os seus sofrimentos, angústias e desprazeres que poderiam implicar na desenvoltura analítica do analisando. A ausência de uma análise pessoal pode desencadear uma projeção do analista no analisando e prejudicar a análise (Freud, 1912/2006).

Desse modo, a supervisão para iniciantes se torna um elemento extremamente necessário. A orientação de um profissional que já atravessou esse percurso inicial contribui para ser um guia de como manobrar as dificuldades que se apresentarão na relação terapêutica. Nesta situação, Freud apresenta o tripé da psicanálise que se compõe a partir de uma boa base teórica, supervisão e análise pessoal (Freud, 1912/2006).

O que impulsionou a realização deste trabalho foi compreender o fenômeno da transferência dentro do contexto clínico, visto que é um tema dos mais relevantes, pois é inevitável se deparar com a teoria psicanalítica e não ter contato com a dinâmica transferencial. A relação entre analista e analisando desempenha um papel importante durante o tratamento analítico, que elucida uma preocupação quanto ao manejo desses sentimentos dirigidos a figura do analista. Além disso, acredita-se que o estudo poderá verificar como a transferência é uma ferramenta valiosa no trabalho analítico.

O objetivo deste trabalho é apresentar a dinâmica do fenômeno transferencial no processo psicanalítico e articular com a teoria freudiana. Como objetivo específico, o que se propôs, foi verificar-se a transferência é ligada a repetição e analisar as possíveis dificuldades do manejo transferencial de um estagiário de psicologia na clínica escola.

Partindo do que é observado na concepção freudiana sobre transferência, e levando em consideração a importância de seu manejo na clínica psicanalítica, o trabalho busca responder a seguinte questão: Quais as

evidências da manifestação da transferência no discurso do analisando dentro de um processo analítico?

Método

A metodologia da pesquisa científica adotada é a qualitativa. Este modelo de pesquisa tem como objetivo interpretar o fenômeno através da observação, a descrição, a compreensão e o significado. As hipóteses não são pré-concebidas, mas sim construídas através da observação. Então, o pesquisador capta o fenômeno proposto a ser estudado levando em conta os pontos mais relevantes e por seguinte é analisado para que se entenda a dinâmica do fenômeno (Godoy, 1995).

O método de investigação qualitativa é através do estudo de caso. Essa metodologia consiste na observação detalhada de um indivíduo para descrever contextos complexos. O estudo de caso é compreendido como a análise do fenômeno dentro do contexto da vida real, pelo qual o pesquisador busca responder "como" e "por que" o fenômeno observado ocorre. Dentro desse método ainda o pesquisador deve estar aberto e atento aos novos elementos que podem surgir durante a pesquisa (Godoy, 1995).

O presente estudo de caso tem como referencial teórico os pressupostos psicanalíticos freudianos que compreendem o homem como sendo um sujeito que é dividido entre uma parte consciente e outra desconhecida, que é o inconsciente. Portanto, o método escolhido busca a compreensão e interpretação dos conteúdos inconscientes, embasados em uma atividade interpretativa.

Participantes

Fernanda (nome fictício) é do sexo feminino, 50 anos de idade, segundo grau completo, casada, tem um filho de 16 anos e trabalha como funcionaria pública no almoxarifado em um Centro de Assistência Integral a Saúde (CAIS). A analisanda já esteve em psicoterapia em outro momento e lugar e procurou o Centro Universitário Alves Faria (UNIALFA) para iniciar novamente o tratamento, com a finalidade de resolver questões de sua vida como ansiedade, auto cobrança, um desejo de voltar a dirigir e dificuldades com o seu filho.

Local

O estudo de caso foi desenvolvido na Clínica Escola de Psicologia que se situa dentro Núcleo de Estudo, Pesquisa e Prática Psicológica (NEP), que fica localizada no Centro Universitário Alves Faria (UNIALFA) - Unidade Perimetral. O atendimento foi realizado em um consultório clínico, composto por duas poltronas, sendo uma de frente a outra e um divã que está posto ao lado da poltrona do psicoterapeuta, com isolamento acústico e recepção de espera. Além desses objetos, a sala tinha uma mesa de madeira com lenços e um arranjo de flores brancas.

Instrumentos e materiais

Utilizou-se como instrumentos para a realização dos atendimentos o método de associação livre que consiste no analisando falar tudo que vier a sua mente. Essa técnica permite a partir da fala livre e até mesmo do silêncio a possibilidade de remontar as experiências anteriores (Zimerman, 2003).

A associação livre que surgiu no consultório se fez necessário por parte do estagiário realizar a interpretação dos conteúdos do inconsciente. A esse respeito, a interpretação tende a fazer o analisando compreender os conflitos inconscientes, seja ela pela palavra, sonho, resistências, silêncio ou até mesmo na transferência (Roudinesco, 1998).

A interpretação durante o processo analítico desempenha a função de salientar as resistências de modo que o analisando tenha capacidade de pensar sobre as experiências anteriores e as novas. Para realizar a interpretação, foi utilizada a análise do manejo da transferência, ·que cumpre a função de

analisar o conjunto de todas as formas que a analisanda experiência as suas vivências com a figura do estagiário (Zimerman, 2003). Foi utilizado também o diário de sessão para registro das informações mais importantes da analisanda após a sessão.

Procedimentos

O início da psicoterapia incluiu uma triagem que foi realizada pela recepcionista da Clínica-Escola de Psicologia. Junto com a triagem, foi assinada pela analisanda o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Posteriormente foi informado à estagiária/recepcionista o público alvo a ser atendido e a disponibilidade para o agendamento da sessão. No primeiro atendimento foi repassada à analisante a orientação sobre as regras institucionais da Clínica Escola.

As sessões foram realizadas no consultório clínico com um encontro semanal. Com duração aproximada de 45' cada, totalizando 14 sessões realizadas. As informações da analisanda foram coletadas através de anotações e evolução de prontuário que foram registradas após a finalização da sessão.

Os dados obtidos a partir da escuta clínica foram registrados também no diário de sessão do estagiário. As informações dos atendimentos continham as ausências, os atrasos, comparecimento da sessão, discurso da analisanda e as expressões repetidas no conteúdo da associação livre.

Por conseguinte, o tratamento dos dados colhidos foi analisado, articulado e discutido com a teoria freudiana por meio de bloco de sessões. Essa forma de tratamento contempla a apresentação dos resultados em duas partes, cada uma contendo sete sessões. As falas citadas para compor e responder os objetivos do trabalho foi escolhido tendo em vista sua relevância para o assunto proposto.

Resultados e discussão

Para responder os objetivos do estudo de caso, serão expostos os relatos das sessões contendo as principais falas da analisanda juntamente com a discussão. As falas da analisanda apresentadas em conjunto com a teoria têm como intuito responder o objetivo geral e, por conseguinte o objetivo específico.

1º a 7° sessão:

Quando Fernanda procura o analista, a queixa trazida é a de ansiedade, sobre a dor que está sentindo pelo término com o seu marido, que é caminhoneiro, além do incômodo em relação ao seu filho de 16 anos, pois, ele apresenta comportamentos de timidez e a dor que sente. Disse: *"Dói muito não ser chamada de mãe"*. Mencionou também o quanto cobra de si e do outro, em especial do seu filho e como se sente diante disso. Cita: *"Não gosto de desordem e nem de sair dos trilhos"*.

Em seu segundo contato com o analista, Fernanda chegou uma hora atrasada e acrescentou: *"Eu confundi com o horário do meu filho"*. A analisanda conta que reatou com o marido pela 4° vez, mencionou uma preocupação em não repetir a história de sua mãe e não hesita em dizer como se sente dentro do próprio casamento. Disse: "*Me sinto sozinha com meu marido"*. Além disso, ela trouxe consigo um incômodo em relação às pessoas que não seguem o combinado que foi feito, porém, chegou atrasada e mesmo assim teve o atendimento que desejava. Descreve também a forma como é rígida no seu trabalho e que não aceita que ninguém fure a fila quando está atendendo.

Os sentimentos estabelecidos entre analista e analisanda decorrente do primeiro atendimento fazem com que o encontro com o analista na segunda sessão tenha a tentativa inconsciente por parte de Fernanda de ser adiada. A analisanda comete um lapso de memória ao confundir o horário de sua sessão na qual podemos nomear como resistência.

Freud destaca que as resistências acompanham a situação transferencial para fazer com que os conteúdos presentes no inconsciente permaneçam reprimidos e repetidos no discurso da analisanda (Freud, 1912/2006).

As relações emocionais de Fernanda que aparece no campo do real fazem com que o amor infantil apareça na relação com o analista. Sendo assim, quando a analisanda verbaliza como se sente no seu casamento, diz respeito ao movimento de ser amada. A idealização do amor objetal que não preenche a realidade vivida por Fernanda, que é direcionada ao analista, revela o aparecimento de uma transferência erótica (Freud, 1915/2006).

Neste sentido, as resistências da analisanda oriundas da relação com o analista, enaltece a forma como Fernanda se articula na sua atuação profissional com o outro fora da terapia, repetindo situações de rigidez anteriores e de controle. Vale ressaltar que ao aceitar atender a analisanda fora do horário combinado, o estagiário é advertido pela supervisora de estágio. Freud declara a importância de se atentar no excessivo desejo do analista de promover o tratamento terapêutico (Freud, 1912/2006).

Fernanda em suas sessões seguintes trouxe o desejo de voltar a dirigir, a forma como parou essa prática e o medo que tem ao entrar no carro. Ela mencionou com frequência uma preocupação em dirigir para si e para os outros e que se sente segura estando dentro do carro com o marido e irmão. Quando está com o seu pai dentro do carro, não confia porque ele não dirige direito e não usa o cinto de segurança. Fernanda fala de como faz quando tem algum compromisso e completa dizendo: *"Eu não gosto quando alguém ultrapassa o horário combinado"*.

Relatou muito medo de que algo aconteça com seu filho por ter apenas um amigo e mencionou como sente quando recebe um não e acrescentou: *"Eu lido bem, já até tenho o couro grosso"*. Relata sobre o que é ser *"pessoa dia"* e *"pessoa noite"*. Explica que a primeira pessoa é a que vive em função do trabalho e da obrigação e a segunda pessoa sendo aquela que vive desfrutando do prazer e questiona ao analista: *"Você é uma pessoa dia ou pessoa noite? O que você faz nas horas vagas? "*.

Fernanda disse que não é perfeccionista, e sim organizada e por isso sofre sendo assim. Complementou falando sobre o tempo ocioso dos jovens e indaga novamente ao analista: *"O que você faz nas horas vagas? "*. Acrescentou dizendo: *"Tem como ter mais tempo de sessão? "*.

A analisanda utiliza as metáforas "*pessoa dia*" e "*pessoa noite*" no presente, mas que fazem referência ao passado. Durante a sessão contou que seu pai é muito rígido e autoritário e que começou a trabalhar muito cedo para poder ajudar em casa deixando de lado as coisas que gosta de fazer. Fernanda direciona ao analista as questões de sua vida que não tem compreensão. Portanto, o uso das metáforas remonta as experiências parentais e se atualiza no presente através da queixa e incomodo em viver em função da rigidez e cobrança excessiva. A relação transferencial com o analista, possibilita que a analisanda consiga falar sobre suas questões com mais facilidade de modo que possa escutar suas próprias queixas durante o tratamento analítico (Freud, 1912/2006).

Podemos observar um ponto importante sobre as recomendações da abstinência. A pergunta que é direcionada ao analista sobre o que faz nas horas vagas deve ser entendida como um desejo infantil manifestado por conta da transferência e não como algo de cunho pessoal. Essa indagação deve ser compreendida pela analisanda e não simplesmente respondida pelo analista. Responder essa pergunta tira a possibilidade de Fernanda fazer algo com os seus conflitos que reaparecem no diálogo com o analista (Zimerman, 2003).

Fernanda apresenta no seu discurso uma rigidez e uma conduta que restringe a liberdade de seu filho. O desenrolar da

narrativa da analisanda direciona o que o filho deve fazer e como deve sentir e pensar. Na relação com o analista, Fernanda ao buscar o controle do horário que a sessão se inicia e do tempo de duração, a mesma repete a lógica usada com o seu próprio filho. Freud declara que é na repetição que o analisando recorda, ou seja, é no ato que as lembranças encobertas pelo inconsciente aparecem na análise (Freud, 1914/2006).

Nas próximas sessões a analisanda falou sobre uma situação do trabalho na qual se alterou porque achou a situação vivenciada sendo uma injustiça. Conta à violência de seus inquilinos que presenciou que a fez associar livremente e disse: *"me faz lembrar sobre as brigas dos meus pais, eu desejei o divórcio deles. Meu pai é muito autoritário".* Completa dizendo: "*eu necessito de uma figura masculina para resolver as coisas".*

Na transferência aparece o desejo de que seus pais divorciassem. Algo que antes era desconhecido, mas que foi rastreado pela analisanda. Esse conteúdo que foi disponibilizado à consciência e que se emergiu a partir de uma vivência externa a análise se atualiza na dinâmica transferencial. Esse ato de Fernanda mostra que o material reprimido surge dentro da transferência disponibilizando a consciência o complexo patogênico de modo que o sujeito em análise possa fazer algo com o conteúdo descoberto (Freud, 1912/2006).

A analisante discorre na sessão seguinte a partir de um jarro de flor do consultório sobre o que é uma planta ficção e a planta real: *"A ficção é aquela que é criada e a real é aquela que é viva e que morre".* Fernanda ao relatar sobre o feminino, diz que*: "A mulher em relação ao homem falta alguma coisa".* Acrescenta que: *"A iniciativa é do homem. Meu marido e meu filho não têm".* A analisanda relata que o período da adolescência do seu filho é mais fácil e que a timidez dele faz com que ela sofra. Complementa dizendo que quando o outro não atende o que é idealizado ela não gosta e cita: *"Eu não sei nada sobre você. Você é muito calado".* Em seguida sorriu. Analisanda faltou à sétima sessão que compõe o primeiro bloco e não comunicou a clínica de Psicologia.

Fernanda fala sobre a necessidade de completude com a figura masculina. Nesta sessão temos como manifestação da transferência o encontro com a falta. O autoritarismo do seu pai que se fez presente no passado, encobre questões sobre o seu feminino. Para não lidar com esse furo, ou seja, com a castração, a analisanda busca uma relação de poder com o seu filho, mas essa relação não é o suficiente para conseguir a elaboração dessa falta que é real. Diante disso, a analisanda reprimiu esse conteúdo e repete o próprio autoritarismo vivido na relação com o seu pai durante a análise, se posicionando de forma rígida sobre os seus desejos e obrigações (Maurano, 2006).

A afeição pelo filho representa uma fusão do seu próprio eu com o objeto de amor resultando nas fantasias inconscientes. Os sentimentos eróticos aparecem na relação transferencial marcando a demanda de ser amada pelo analista. O manejo dessa demanda implica em atravessar a própria fantasia do sujeito para que dê a possibilidade da analisanda se reconhecer como faltosa e desejante (Maurano, 2006).

8° a 14° sessão:

Fernanda relata que não veio na sessão passada porque teve a notícia de que seu filho iria ser reprovado e conta o que ela espera desse filho dizendo: *"queria que ele comesse os livros, fosse mais ativo e largasse o celular".* Acrescenta: *"o ontem já passou, mas o hoje já está atrasado".* Analisanda fala como pareço com o filho dela, de como é não ter o filho que ela espera e do medo que teve de ter tido o filho trocado na maternidade.

Ao relatar sobre o que sentiu do seu filho em relação à escola, de como cobra o mesmo e do desejo de que ele coma os livros, diz: *"a única coisa que fica é o conhecimento, o que foi aprendido"*. Trouxe também os seguintes questionamentos*: "o que você acha*

de eu voltar em fevereiro dirigindo? O que meu filho vai fazer quando tiver a sua idade? Estará fazendo faculdade? ”. Relata ainda que é no inferno que o pneu fura, o carro bate e o ônibus estraga.

A analisanda endereça ao analista os conteúdos do seu passado e as suas angústias. O contato com a frustração faz com que Fernanda espere do analista uma solução ativa dos seus conflitos traumáticos. Calligaris diz que a analisanda endereça o grande saber ao analista como alguém que tem o desfecho dos seus conflitos (Calligaris, 2005). Fernanda coloca o analista no lugar do seu filho. O que antes era apresentada pela analisanda em seu discurso com rigidez, agora aparece dentro da transferência como algo a ser questionado ao outro e não simplesmente afirmado.

Na sessão seguinte chegou mais cedo e alega que fez isso para o “professor” não brigar e que deixou um pouco de lado o filho, mas vai à escola escondida para ver o que ele está fazendo. Relatou detalhes de como se sentiu ao ver que seu filho conheceu uma menina e o medo de que eles tenham algo. Cita: *“filho tem que ficar com a mãe para sempre”*. Afirma novamente que não quer repetir a história da sua mãe, pois seu pai a fez sofrer muito e direciona ao analista a seguinte frase: *“você tem que aproveitar a vida antes de casar para ter responsabilidade”.* Próximo do final do atendimento adverte: *“Não case”.*

Ao nomear o analista como professor, a analisanda repete o lugar que ocupou no passado com seu pai que foi apresentado por Fernanda como sendo aquele que sabe. Portanto, repete o seu sintoma de se autocobrar e deixa a análise como sendo uma obrigação que deve ao analista, obrigação que antes foi dirigida ao seu pai. Ou seja, Fernanda insere no ato as metáforas sobre “pessoa dia” e “pessoa noite” verbalizadas em sessões anteriores. Além disso, volta a ter com o analista uma postura mais severa quando adverte o que deve ser feito na sua vida pessoal. Frase essa que emerge após o contato com a castração e a ameaça da perda do amor objetal. O superego dos seus pais que é concebido ao analista tem um ensejo para que a história dela seja recriada dentro da transferência (Lourenço, 2005).

A analisanda diz: *“o único amor verdadeiro que meu filho vai ter é o meu e de seu pai”* e complementa dizendo: *“eu tenho muito medo dele ir embora”.* Fernanda fala que saiu de casa muito jovem e que sempre trabalhou e conta como se sentiu abandonada ao sair da roça para a cidade e que se sentia rejeitada. Diz que não dá para sentir o amor sem viver com a mãe. Relata que quando o homem casa, a mãe perde o filho, fica sozinha e completa falando: *“Você é grande como meu filho e mudo como minha mãe”.* Disse que sua mãe é teimosa, mas que a escuta e ordena ao analista: *“e você foque nos estudos”.* Termina dizendo: *“Eu tenho idade para ser a sua mãe”.*

Analisanda fala sobre o sentimento de solidão e que tem medo de ficar sozinha. Nessa sessão esqueceu o nome do analista, confundindo com o nome Bruno. Ressalta que cada um tem que ter a sua individualidade, menos o seu filho e diz que fica faltando algo e que preenche com Deus. Fernanda conta dos ciúmes que sentiu do seu irmão mais novo porque achava que sua mãe o amava mais que a ela e que largou essa ideia, pois decidiu seguir a sua vida. Fala que se sentiu abandonada por seu pai, porque queria atenção, amor e ele não dava. Ressalta que quando saiu da roça para Goiânia, não se sentiu acolhida na casa de sua tia. Não tinha canto e nem intimidade.

Fernanda evidencia os sentimentos afetuosos por seu filho durante as sessões. Ela coloca esse filho com o único digno de receber o seu amor. Sentimento esse que a analisanda espera que ocupe o amor que o seu pai não lhe deu. É nessa repetição de tentar tampar o que faltou que Fernanda entra em contato com os seus desejos infantis de ser amada e que não se realizaram no passado e que se apresentam no presente. Ao lidar com a perda do objeto, Fernanda registra um modo próprio de atravessar a angústia da castração (Leite, 2011).

Relatou que se sente culpada pelo irmão continuar trabalhando na roça, sem poder parar de trabalhar e que se sente segura por ocupar um cargo público onde tem estabilidade. Fala que tinha algo para me dizer, porém deu um branco e pede ajuda para se recordar. Ao sair do consultório, no corredor entre a sala e a recepção, indaga ao analista: *"o que eu preciso fazer para te irritar?".*

Nesta sessão contou que o critério utilizado para iniciar um relacionamento com o seu atual marido foi de que esse homem desse um filho para ela. Conta que a sua gravidez foi tranquila e programada. Comete novamente um equívoco ao chamar o analista de Bruno. Detalha dizendo que Bruno é um médico do local onde trabalha no momento. Continuou falando que esperava durante a gravidez uma menina, mas veio um menino. O médico na época aconselhou dizendo: *"o homem vai dar tudo que você precisa enquanto a mulher não".*

A interrupção no discurso nos revela as expressões da resistência através dos lapsos de linguagem, ao confundir o nome do analista por conta dos afetos marcantes que foram revividos durante o tratamento. À troca do nome feita diz respeito ao médico evocado de sua memória, que remonta as suas frustrações e decepções já vividas durante a sua gravidez que estavam afastadas da consciência. Os impulsos libidinais e o seu desejo de ter uma filha não é vivido no real. A ideia de que o homem vai dar tudo o que uma mulher precisa, se atualiza na transferência quando a analisanda espera que o analista fale. Assim como fica aguardando que o filho também tenha voz. Em suma, espera que o analista preencha a sua fantasia inconsciente de completude (Freud, 1912).

Fernanda disse que procurou um marido oposto ao que era seu pai. Completou dizendo: *"você é bonito igual ao meu filho".* Falou que esperava que eu falasse mais durante as sessões e que se considera muito agitada. Cita: *"Gostaria de ser como você, tranquilo e sereno".* Termina essa sessão com a seguinte frase: *"O bom da vida é que as decepções não matam, deixa mais forte e que o bom da vida é viver".*

Fernanda durante o tratamento analítico evidencia o desejo de estar em análise. Desejo esse que tece uma produção analítica e alinha o passado, presente e futuro (Freud, 1913). As várias indagações que a analisanda investe no analista, para saber o que ele faz e o que o irrita, aproxima de uma idealização necessária para atravessar as suas queixas e sintomas. O amor transferencial evocado da situação analítica produz uma atualização do inconsistente. O encontro com as faltas, às decepções e frustrações dentro da relação transferencial dá lugar para que Fernanda possa construir elaborações a partir do seu passado (Freud, 1915).

Considerações finais

O trabalho apresentado demonstrou que Fernanda reatualiza os rastros de sua infância, que teve as dificuldades do seu tempo. Dentro da transferência com o analista, a analisanda repetiu e reproduziu o seu passado traumático no presente. Fernanda chega com uma demanda de angústia na qual desconhece o motivo que a ocasiona. A ideia que foi reprimida na sua adolescência a partir da relação com seu pai, que por muitas vezes se apresentou de forma tirânica fez com que os seus conteúdos fossem reprimidos. Essa repressão impede que o afeto se desenvolva, ou seja, as inquietações de suas vivências não chegam à consciência e seguem silenciadas, no entanto fazem barulho no ato.

Em análise as inquietações de Fernanda foram ouvidas por meio de escuta clínica e feitas à interpretação do que foi reprimido no inconsciente e que se encaminhou ao ato. Isso significa que durante a dinâmica da transferência, o discurso, as resistências, os atos falhos e as metáforas ganham força com o analista. Esses elementos que compõem a análise são evidências emergidas em decorrência da transferência.

Dentro da relação com o analista, àquilo que afeta a vida de Fernanda e provoca desprazer reaparece na transferência. Essa repetição e reprodução do traumático acusam as frustrações e decepções que Fernanda precisa atravessar para viver. A sua postura rígida que é apresentada durante o seu percurso de análise, juntamente com a dor sentida em sua vida começa a tomar uma nova forma. Portanto, a repetição está ligada a transferência e é uma ferramenta valiosa no processo analítico. É no manejo da transferência que a analisanda juntamente o analista consegue dar lugar para a invenção. Sendo assim os objetivos do trabalho foram atingidos e a analisanda continua em análise.

Em relação ao manejo da transferência enquanto estagiário, de fato no início essa técnica tem as suas dificuldades. Logo nas primeiras sessões um desejo de atender invadiu o consultório. Desejo esse contido e orientado em supervisão. É válido ressaltar que o tripé psicanalítico contribuiu para desempenhar o papel de analista e realizar o manejo da transferência. Outra contribuição muito importante oferecida pela supervisão foi na interpretação dos elementos que aparecem na análise como repetição dos conteúdos de Fernanda. Foi a partir dessa orientação que consegui encontrar as evidências da transferência.

Por conseguinte, fica evidente a importância de se estudar a transferência durante o período de graduação. É plausível sustentar a hipótese de que ao se ter mais conhecimento sobre o manejo da transferência é possível desempenhar um trabalho analítico mais eficaz. Para os futuros estagiários ressalta-se o valor de sustentar o lugar de suposto saber e do tripé psicanalítico, pois é com essa ilusão necessária, sustentada pelo analista que o sujeito em análise se torna desejoso de um por vir e de produzir algo criativo. E é com o a teoria, supervisão e análise pessoal que se faz a psicanálise.

Referências

Calligaris, C. (2008). *Cartas a um jovem terapeuta.* Rio de Janeiro: Elsevier.

Freud, S. (1912/2006). A dinâmica da Transferência. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XII, pp. 59-66). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1912/2006). Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XII, pp. 66-73). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1913/2006). Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise I). Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XII, pp. 74-79). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1914/2006). Recordar, Repetir e Elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II). Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XII, pp. 90-97). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1915/2006). Observações sobre o amor Transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XII, pp. 98-108). Rio de Janeiro: Imago.

Godoy, A. S. (1995). Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, 20-29.

Leite, S. (2011). *Angústia.* Rio de Janeiro: Zahar.

Lourenço, L. C. (2005). Transferência e Complexo de Édipo, na Obra de Freud:

Notas sobre os Destinos da Tranferência. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 143-149.

Maurano, D. (2006). *A Transferência: uma viagem rumo ao continente negro.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Quinet, A. (2009). *As 4 +1 Condições da Análise.* Rio de Janeiro: Zahar.

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise.* Rio de Janeiro: Zahar.

Ungar, V. (2008). A Transferência em sua perspectiva clínica. *Jornal de Psicanálise*, 243-258.

Zimerman, D. E. (2003). Transferências. Transferência de Impasse. Psicose de Transferência. Em *Manual de Técnica Psicanalítica: Uma re-visão* (pp. 127-139). Porto Alegre: Artmed.

Zimerman, D. E. (2003). Uma re-visão das "Regras Técnicas" Recomendadas por Freud. Em *Manual De Técnica Psicana*